

# **AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM: DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

Salvador – BA - Abril de 2013

Elmara Pereira de Souza - Universidade Federal da Bahia - elmarasouza@gmail.com

Categoria: C

Setor Educacional: 5

Classificação das Áreas de pesquisa em EAD:  
Macro: A / Meso: H / Meso: N

Natureza: B

Classe: 1

## **RESUMO**

*Esse artigo apresenta reflexões sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para a formação de docentes online como dispositivo de produção de subjetividade. Os fundamentos da investigação encontram-se nos pressupostos teóricos de Deleuze e Guattari, em especial, nos conceitos de subjetividade, linha de fuga e agenciamento. A subjetividade é produzida a partir de múltiplos componentes heterogêneos, não é possível falar em subjetividade generalizada, mas subjetividade prática e pessoas constituídas na experiência social e em seus caminhos singulares. As análises dos dados mostram que, habitando o território ambiente virtual de aprendizagem, muitos professores experimentam devires, agenciamentos, afetos alegres, abrem-se para outras formas de ensinar, de aprender, de se formar com o outro e de viver na contemporaneidade, participando do fluxo dialógico e produzindo subjetividade autorreferente. Outros professores, no entanto, são agenciados por afetos tristes, não conseguindo se inserir como autores, produtores no ambiente virtual de aprendizagem, demonstrando uma atitude passiva e de alienação diante do processo formativo e produzindo subjetividade massiva, subjetividade voyeur.*

**Palavras chave: subjetividade; dispositivo; ambiente virtual de aprendizagem.**

## 1- Introdução

Cartografar. Construir mapas. Não mapas que representem um único plano do real, mas mapas que indiquem caminhos, que ajudem a distinguir as linhas do desejo e dos afetos das linhas que preservam a ordem instituinte. Esse é o nosso desafio.

Fizemos, como parte dos estudos do doutorado em Difusão do Conhecimento, um exercício de cartografar os movimentos, os fluxos produzidos no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para a formação de professores de cursos online e produzimos mapas que ajudaram a conhecer (aqui conhecer, muito mais do que (re)conhecer é inventar, é estar entre) alguns processos de produção de subjetividade em AVA.

Compreendemos que a formação docente não apresenta soluções definitivas para a EaD, pois há componentes técnicos, ideológicos, políticos que perpassam os processos formativos e que interferem no desenvolvimento dessa modalidade de ensino. Porém, a formação dos docentes online é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento dessa modalidade de educação.

Na contemporaneidade, a subjetivação está sujeita a forças poderosas de homogeneização e serialização. Os cursos a distância não ficam de fora dessa tendência. Por isso, é importante o exercício de elaboração, execução e implementação de cursos e espaços de formação de docentes online com base na criação, na autoria, na invenção de si e do mundo.

Na perspectiva que utilizamos nesse estudo e, a partir dos pressupostos teóricos deleuzo-guattrianos, a subjetividade não se confunde com o sujeito, não é individual, visa superar as dicotomias sujeito-objeto, indivíduo-sociedade, interior-exterior, teoria-prática, produção de subjetividade-produção de realidade. A subjetividade é constituída de múltiplos vetores heterogêneos como: vetores sociais, técnicos, físicos e semiológicos, vetores de existencialização diversos, a partir dos quais pode emergir um território existencial.

Se o sujeito foi pensado tradicionalmente como “essência da individuação, como uma existência pré-reflexiva, como razão de ser da sensibilidade, como um estado unificado da consciência”<sup>[1]</sup>, nesse estudo, a subjetividade é pensada como produção e não como essência, o sujeito é

produto de instâncias coletivas, das multiplicidades; é pensada como processo, como obra do tempo e o tempo como criação situa a subjetividade no campo da diferença e não da identidade; é pensada como instauração de multiplicidades que se agenciam e produzem realidades atualizando as virtualidades.

A subjetividade é produzida a partir de múltiplos componentes heterogêneos, não é possível falar em subjetividade generalizada, mas subjetividade prática e pessoas constituídas na experiência social e em seus caminhos singulares. Ela é formada por dispositivos de subjetivação que obedecem a planos, tanto moleculares, quanto molares, existindo, tanto no plano social, maquínico, processual, quanto no plano pessoal<sup>[2]</sup>.

## 2- Dispositivo

Um dispositivo constitui sempre uma multiplicidade de processos operando em devir, distintos dos que operam em outro dispositivo<sup>[3]</sup>. Segundo Foucault <sup>[4]</sup> dispositivo é

um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo.

Deleuze <sup>[5]</sup>, a partir do conceito de dispositivo foucautiano, afirma que o dispositivo é um conjunto multilinear composto por linhas de natureza diferente, combinando campos de saber ou constituição de uma rede de discursos, relações de poder e modos de subjetivação ou produção de sujeitos.

Destacam-se quatro tipos de linhas: linha de visibilidade, linha de enunciação, linha de força e linha de subjetivação. No dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras.

Considerando as dimensões de um dispositivo situamos o ambiente virtual de aprendizagem como um dispositivo que faz ver, faz falar, faz subjetivar. O dispositivo-AVA é composto por linhas, curvas, regimes transitórios que estão predispostos o tempo todo à variação de movimento, intensidade, direção, afecção. As interfaces do AVA, as forças em exercício, os

sujeitos que interagem (ou não), os enunciados são vetores ou tensores desse dispositivo. Ao tomarmos o ambiente virtual de aprendizagem como um dispositivo, estamos rejeitando a totalidade, o universal, a unificação e afirmando as singularidades e as multiplicidades. O AVA como dispositivo nos possibilita analisar os movimentos, as forças que o atravessam e nos afetam na interação (ou não), na vivência no espaço virtual.

Em cada formação histórica, há maneiras de sentir, de ver e de falar e, na contemporaneidade, o ambiente virtual de aprendizagem, fazendo parte dessa época, da cibercultura, é dispositivo que produz subjetividade. Como o AVA é um espaço de encontro, espaço de produção de subjetividade, se não houver encontro de singularidades, se não houver diálogo, se não houver espaço para os afetos, o ambiente não passará de uma ferramenta, uma técnica. O AVA só se configura como espaço de aprendizagem se houver seres humanos se encontrando, se relacionando, produzindo conhecimentos juntos. A simples disponibilização de interfaces de comunicação não produz um ambiente virtual de aprendizagem. A interatividade, os movimentos, as relações no AVA é que produzem o ambiente, pois, quando se dialoga, quando há movimento no AVA, produzem-se áreas de acionamento de fluxos.

### **3- Subjetividades produzidas no AVA**

Compreendemos que as subjetividades produzidas no AVA (capitalísticas ou singulares? massificadoras ou autorreferentes?) são combinações dos visíveis, dos invisíveis, dos dizíveis, dos silêncios, das forças, das atitudes e das relações transitórias das pessoas que habitam aquele espaço. O que se vê, o que se diz, o que não se diz, o que se faz e as relações de quem faz produzem o ambiente virtual de aprendizagem e os seus desdobramentos.

Segundo Deleuze e Guattari<sup>[6]</sup> somos compostos por segmentos, por linhas que se entrelaçam criando territórios. Os autores sugerem três conjuntos de linhas: segmentaridade maleável ou molecular; segmentaridade dura ou molar; linhas de fuga. Essas linhas nos atravessam e nos compõem, assim como compõem o nosso mapa, se transformam e formam rizoma.

Deleuze e Guattari<sup>[6]</sup> alertam que

Poder-se-ia acreditar que os segmentos duros são determinados, predeterminados socialmente, sobrecodificados pelo Estado; tender-se-ia, em contrapartida, a fazer da segmentaridade maleável um exercício interior, imaginário ou fantasioso. Quanto à linha de fuga, não seria esta inteiramente pessoal, maneira pela qual um indivíduo foge, por conta própria, foge às suas responsabilidades, foge do mundo, se refugia no deserto, ou ainda na arte... etc.

Porém, todas essas afirmações não são verdadeiras. A linha maleável não tem haver com exercício interior e a micropolítica não é menos real do que a grande política. A macropolítica não pode manipular seus conjuntos molares sem passar por essas infiltrações que a favorecem ou que lhe criam problemas. A segmentação dura composta, segundo Deleuze e Guattari<sup>[6]</sup>, não somente por grandes conjuntos molares (instituições, classes, Estado), “mas ainda por pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas”, possui uma grande previsibilidade. As linhas de fuga não significam fugir do mundo, mas fazê-lo fugir, pois todo sistema social mesmo endurecendo para vedar as linhas de fuga, não consegue impedi-las de escapar.

Outro problema diz respeito à importância respectiva das linhas. Pode-se partir tanto da segmentaridade dura que é dada quanto da linha de fuga. A linha de fuga não vem depois, ela está presente desde o início, mesmo quando espera a sua hora e a explosão das outras duas. A segmentaridade maleável está no meio, presa às outras duas. Ela poderia ser considerada uma espécie de compromisso, procedendo por desterritorializações relativas, e permitindo reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura. Ela põe todas as coisas em jogo, porém em outra escala e sob outras formas, com segmentação rizomática e não arborescente, uma micropolítica.

O terceiro problema é que há a imanência mútua das linhas. Nenhuma trabalha sozinha, cada uma trabalha nas outras. Cada um de nós pode se interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, pois

de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo ou acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida.<sup>[6]</sup>

O ambiente virtual de aprendizagem, como dispositivo de produção de subjetividade, tem por componentes linhas de visibilidade, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de fuga que se misturam, se cruzam “acabando

umas por dar noutras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento”<sup>[3]</sup>.

### **3.1 Linhas de visibilidade**

As linhas de visibilidade, segundo Deleuze<sup>[3]</sup> baseado em Foucault, são feitas de linhas de luz que formam figuras variáveis. Cada dispositivo tem seu regime de luz. No dispositivo-AVA, as linhas de luz fazem nascer ou morrer, se propagando ou se apagando, espalhando o visível e o invisível na medida em que o espaço virtual é habitado (ou não). No AVA, as linhas de luz se intensificam na medida em que as pessoas são agenciadas, afetadas pelo acontecimento, na medida em que há vida naquele espaço. Essas mesmas linhas de visibilidade do dispositivo-AVA se apagam e fazem morrer quando não há participação, quando não há diálogo e o desejo não é agenciado. O afeto no AVA faz com que as linhas de luz se propaguem ou se apaguem, aumentando ou diminuído a potência de agir das pessoas.

### **3.2 Linhas de força**

Continuando na perspectiva das linhas instituintes dos dispositivos, temos as linhas de força que indicam o poder-saber. Essas linhas agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que, por isso, deixem de conduzir a guerra<sup>[3]</sup>. No AVA, essas linhas passam, na maioria das vezes, de forma invisível e indizível por todos os lugares do dispositivo, levando as palavras, as coisas e a simples presença das pessoas à luta por sua afirmação e nos levando a estar em meio a elas o tempo todo.

No AVA as práticas discursivas e não-discursivas, ou seja, o dito e o não-dito, a fala e as atitudes, se agenciam criando espaços de visibilidade (o que pode ser visto) e de dizibilidade (o que pode ser dito), produzindo subjetividades e criando condições de possibilidade de formação em espaço virtual.

### **3.3 Linhas de subjetivação**

O dispositivo-AVA também é composto por linhas de subjetivação, linhas que inventam modos de existir. A linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade de um dispositivo. Ela se faz na medida em que

o dispositivo o deixe ou torne possível. É uma linha que escapa às outras, é uma linha de fuga. Deleuze<sup>[3]</sup> afirma que essa “linha de subjetivação é um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia”.

O ambiente virtual de aprendizagem enquanto prática de subjetivação e agenciamento revela a potência de fazer falar, fazer ver, se relacionar. Considerar o AVA como dispositivo conduz-nos à investigação dos modos concretos com que os agenciamentos se estabelecem no espaço virtual e, conseqüentemente, do processo de produção de subjetividade nesse território. Constatamos que no AVA o processo de acolher o outro, escutar, implicar-se e ao mesmo tempo estranhar, ficar de fora é um duplo movimento que se estabelece como condição de subjetivação no espaço virtual. Nesse sentido, o AVA pode proporcionar encontros alegres, tensos, provocantes, tristes, constrangedores e, também, desencontros.

No dispositivo-AVA, as linhas de visibilidade, de enunciação e de força se cruzam, transformando-se em linhas de subjetivação. Quando o professor expressa a sua opinião no fórum de discussão (linha de visibilidade e de enunciação), ele escreve para o outro, ele se expõe (ou não) e sabe que esse outro (professor, gestor, colega) pode ler, refletir, criticar, ser contra ou a favor. Nesse sentido, podemos compreender o escrito, o diálogo no AVA como território de conflito, de tensão<sup>[7]</sup>. A escrita no ambiente virtual de aprendizagem, diferente da expressão oral, marca, registra, define uma posição que ultrapassa o momento presente. A escrita pode ser também um limitador, inibidor da participação dos professores, pois as linhas de poder presentes no dispositivo-AVA podem fazer com que os professores fiquem receosos de se expressar, de dar a sua opinião, de participar, de criar.

O ambiente virtual, coletivo, dialógico, potencialmente, traz outra perspectiva, propõe outro tipo de espaço de aprendizagem, coletivo, colaborativo, onde a alteridade está presente e o outro faz parte do meu espaço no mundo. O dispositivo-AVA possibilita o deslocamento da perspectiva individual para a coletiva na produção de conhecimento, provoca outros agenciamentos, tensiona, cria movimentos diferentes dos produzidos nos espaços presenciais. Porém, a cultura do presencial está impregnada nos

sujeitos, que, ao se depararem com espaços virtuais, transferem o vivido nos espaços presenciais, interferindo na produção de subjetividade em AVA. A perspectiva das subjetividades instituídas, vividas nos espaços presenciais de formação, de um lado, e o novo, novas forma de agir e viver no virtual, de outro, simultaneamente, se configuram como uma possibilidade de produção de subjetividade específica desse momento de transição, de passagem, de adaptação, ou seja, não são subjetividades produzidas nos espaços presenciais tampouco são específicas dos espaços virtuais; é um entremeio, uma mistura.

Na tentativa de extrair as visibilidades ou as práticas não discursivas, as dizibilidades ou as práticas discursivas, as ações do/no dispositivo-AVA para capturar as linhas de subjetivação, a subjetividade produzida, encontramos nas dobras do AVA vetores que agenciam e permitem acompanhar o funcionamento do dispositivo-AVA e seus efeitos na formação de professores de curso online.

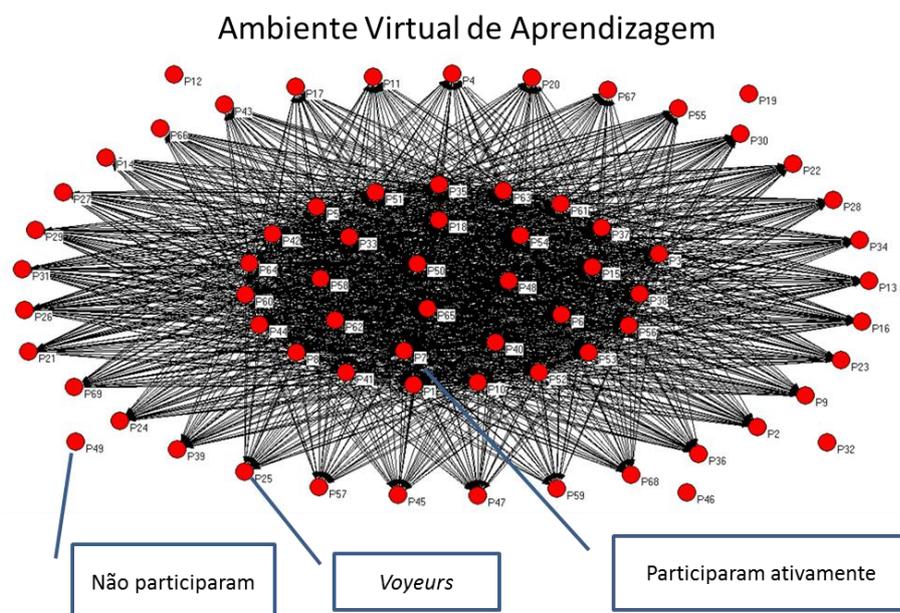
O AVA funciona com vetores que também produzem linhas de força, de visibilidade, de enunciação e de subjetivação. O tempo, ou sua reconfiguração no espaço virtual, o design do ambiente, as interfaces escolhidas e disponibilizadas, a plataforma, o afeto e outros tantos contornos que fazem parte da experiência no AVA são exemplos desses vetores no ambiente virtual de aprendizagem.

#### **4- Algumas análises**

A produção de subjetividade baseada em vetor da utilização do ambiente virtual de aprendizagem implica articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. A exposição ao AVA, na perspectiva da formação de docentes online, pode: (1) fortalecer as tendências homogeneizantes das mídias de massa; (2) criar processos de heterogeneidade, de singularização, através da produção de novos universos de referência, novos mundos. Modos de utilização do AVA na formação de docentes online podem ser considerados modos de subjetivar.

Na cartografia das subjetividades produzidas no AVA desenvolvida durante um ano com 64 professores-tutores do Curso Mídias na Educação, identificamos como principais ações dos professores: participar ativamente; ser

*voyeur*; não participar, conforme demonstra a figura 1. Essas ações não são isoladas, são movimentos de idas e vindas, desencadeados pelo que as conexões, os encontros produzem em cada um, compondo ou decompondo relações. Considerando essas atitudes e, ainda, tendo como base a dimensão dos afetos, identificamos no AVA tanto subjetividades autorreferentes quanto massivas e *voyeur*.



**Figura 1:** Grafo da Rede de interações entre as pessoas que participaram dos fóruns no AVA utilizado para a pesquisa (produzido no software Pajek)

A subjetividade autorreferente é produzida pela participação ativa na perspectiva da autoria, da criação. A subjetividade massiva é produzida pela participação reativa ou não participação, indicando uma posição de acomodação e alienação. A subjetividade *voyeur* é produzida pelo consumo do que está sendo produzido no ambiente virtual de aprendizagem sem, no entanto, haver um envolvimento com o coletivo.

No ambiente virtual de aprendizagem utilizado na pesquisa, as linhas de força estiveram presentes durante todo o processo de interação. Em alguns momentos, elas foram invisíveis e indizíveis e percebidas apenas pelas atitudes de alguns professores: medo de se expor, ausência no ambiente, habitação apenas como observador (*voyeur*), silêncio em outros momentos, porém os enunciados as expunham. Quando a professora diz no fórum de discussão “*Estou um pouco insegura, mas confiante. Sou muito determinada e persistente naquilo que me proponho fazer; Tenho muitas dúvidas quanto ao*

*ambiente virtual, por conta disso demorei a chegar; experiência nova para mim, principalmente diante de tanta gente boa, 'Feras' na rede*, ela demonstra que, no ambiente virtual de aprendizagem, o olhar do outro – “feras” – pode ser restritor da participação naquele espaço, ou seja, por mais acolhedor que o ambiente se apresente, as linhas molares, as linhas de força, as instâncias de poder fazem parte do AVA, validando subjetividades homogeneizadoras.

Pela análise do enunciado no fórum de discussão, quando a professora fala *“Trabalhar em Educação é minha grande paixão. Trabalhar com formação de educadores tem sido muito prazeroso e desafiador, pois conhecer pessoas, trocar experiências, é algo que me enche de alegria. Sou movida pelo encantamento que a vida proporciona através de cada pessoa. Amo conhecer "gente!"* percebemos uma forte positividade a produção de subjetividade autorreferente.

Portanto, as análises nos mostram que, habitando o território ambiente virtual de aprendizagem, muitos professores experimentam devires, agenciamentos, afetos alegres, abrem-se para outras formas de ensinar, de aprender, de se formar com o outro e de viver na contemporaneidade, participando do fluxo dialógico e produzindo subjetividade autorreferente. Outros professores, no entanto, não conseguem se inserir como autores, produtores no ambiente virtual de aprendizagem, demonstrando uma atitude passiva e de alienação diante do processo formativo e produzindo subjetividade massiva, subjetividade *voyeur*.

No AVA as subjetividades são produzidas no movimento de encontros e desencontros, de diálogos e silêncios, de autoria e consumo, transformando continuamente a potência de um modo de agir.

## Referências

- [1] Deleuze, G; Guattari, F. **Mil Platôs**. V 1. Rio de Janeiro. Ed. 34. 2009.
- [2] Oliveira, D. (org) **Ética e movimentos sociais populares: práxis, subjetividade e libertação**. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2006. P. 40.
- [3] Deleuze, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja. 1996. P. 89.
- [4] Foucault, Paul-Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. P. 244.
- [5] Deleuze, G. **Conversações**. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.
- [6] Deleuze, G; Guattari, F. **Mil Platôs**. V 3. Rio de Janeiro. Ed. 34. 2008. P. 78.
- [7] Bakhtin, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.